

**IDENTIFICAÇÃO E MANEJO DE DISPARADORES DE VIOLÊNCIA NO
CONTEXTO ESCOLAR: A EXPERIÊNCIA DE ACADÊMICOS DE MEDICINA
EM ATIVIDADES DE EXTENSÃO**

***IDENTIFICATION AND MANAGEMENT OF VIOLENCE TRIGGERS IN THE
SCHOOL CONTEXT: THE EXPERIENCE OF MEDICAL STUDENTS IN
EXTENSION ACTIVITIES***

***IDENTIFICACIÓN Y GESTIÓN DE DISPARADORES DE VIOLENCIA EN EL
CONTEXTO ESCOLAR: LA EXPERIENCIA DE ACADÉMICOS DE MEDICINA
EN ACTIVIDADES DE EXTENSIÓN***

Lucas Araujo Souza
lucasasouza@gmail.com
Acadêmico de Medicina
Univasf (*campus* Paulo Afonso - BA)

Gabriela Sandes Machado
gabrielasandes0@gmail.com
Acadêmica de Medicina
Univasf (*campus* Paulo Afonso - BA)

Bianca Lima Gondim Osman
biancagondim@gmail.com
Acadêmica de Medicina
Univasf (*campus* Paulo Afonso - BA)

Roberta Stofeles Cecon

roberta.cecon@univasf.edu.br

Doutora em Ciência da Nutrição (UFV)

Docente – Univasf (*campus* Paulo Afonso - BA)

Maria Augusta Vasconcelos Palácio

augusta.palacio@univasf.edu.br

Doutora em Educação em Ciências e Saúde (UFRJ)

Docente – Univasf (*campus* Paulo Afonso - BA)

RESUMO

A violência escolar (VE) manifesta-se de diversas formas e desencadeia efeitos preocupantes e extremamente negativos para os envolvidos, tais como repetência, evasão e abandono escolar, demonstrando a necessidade de profissionais capacitados para lidar com essas situações. Objetiva-se relatar a experiência de acadêmicos de medicina em atividade extensionista sobre a identificação de disparadores de violência escolar e seus respectivos manejos para profissionais da educação. Trata-se de um estudo descritivo do tipo relato de experiência. O contexto da prática é uma escola pública do município de Paulo Afonso, Bahia, na qual foi realizada uma capacitação com 31 profissionais, no ano de 2019, com base nas respostas de questionários previamente aplicados, que ajudaram a traçar um perfil dos principais disparadores de VE e o conhecimento acerca das formas de intervenção para esse tipo de situação. A atividade consistiu em desenvolver habilidades de reconhecimento dos variados tipos de VE, por meio da apresentação de conceitos e exemplos, além da proposição de uma Rede de Atenção à Violência. A intervenção permitiu que os profissionais da escola pensassem e discutissem sobre as situações de VE mais comuns e como podem intervir de forma mais efetiva a partir da criação de redes de enfrentamento, lançando mão de diversas ferramentas facilmente implantáveis naquele cenário. A experiência contribuiu com o processo de formação de estudantes de medicina, no sentido de aprimorar as habilidades de comunicação e adequação da

linguagem para o público alvo, além de inserir os saberes construídos na universidade diretamente na sociedade.

Palavras chave: Educação. Saúde. Violência. Extensão. Ensino superior.

ABSTRACT

The school violence (SV) manifests itself in several ways and triggers worrying and extremely negative effects for those involved, such as repetition and dropout, demonstrating the need of trained professionals to deal with these situations. The objective is to report the experience of medical students in extensionist activity on the identification of triggers of SV and their respective management for education professionals. This is a descriptive study of the experience report type. The context of the practice is a public school of the municipality of Paulo Afonso, Bahia, in which a training was held with 31 professionals in 2019, based on the answers of previously applied questionnaires, that helped to draw a profile on the main SV triggers and the knowledge about how to approach this kind of situation. The activity consisted of developing skills to recognize the various types of SV through the presentation of concepts and examples, in addition to the proposition of a Network of Attention to Violence, developed aiming to managing SV taking into account the reality of each school. The intervention allowed school professionals to think and discuss about the most common SV situations and how they can intervene more effectively from the creation of confrontation networks, using several tools easily implantable in the scenario. The experience contributed to the process of training medical students, in order to improve the communication skills and adequacy of language for the target audience, as well as to insert the knowledge built at the university directly into society.

Keywords: Education. Health. Violence. Extension. Higher Education.

RESUMEN

La violencia escolar (VE) se manifiesta de diversas formas y desencadena efectos preocupantes y extremadamente negativos para los involucrados, tales como repetición, evasión y abandono escolar, demostrando la necesidad de

profesionales capacitados para hacer frente a esas situaciones. Se pretende relatar la experiencia de académicos de medicina en actividad extensionista sobre la identificación de disparadores de violencia escolar y sus respectivos gestión para profesionales de la educación. Se trata de un estudio descriptivo del tipo informe de experiencia. El contexto de la práctica es una escuela pública del municipio de Paulo Afonso, Bahia, en la que se realizó una capacitación con 31 profesionales en el año 2019, sobre la base de las respuestas de cuestionarios previamente aplicados, que ayudaron a perfilar los principales disparadores de VE y el conocimiento de las formas de intervención para este tipo de situación. La actividad consistió en desarrollar habilidades de reconocimiento de los variados tipos de VE por medio de la presentación de conceptos y ejemplos, además de la proposición de una Red de Atención a la Violencia, herramienta desarrollada con el fin de manejar el VE teniendo en cuenta la realidad de la escuela en cuestión. La intervención permitió que los profesionales de la escuela pensaran y discutieran sobre las situaciones de VE más comunes y cómo pueden intervenir de forma más efectiva a partir de la creación de redes de enfrentamiento, poniendo mano de diversas herramientas fácilmente implantables en aquel escenario. La experiencia contribuyó al proceso de formación de estudiantes de medicina, en el sentido de mejorar las habilidades de comunicación y adecuación del lenguaje para el público objetivo, además de insertar los saberes construidos en la universidad directamente en la sociedad.

Palabras clave: Educación. Salud. Violencia. Extensión. Enseñanza superior.

INTRODUÇÃO

A violência, segundo Minayo (2004), antes de tudo é uma questão social. Ela perpassa todos os setores e instituições da sociedade, da Saúde à Educação. Com isso, a violência causa impactos na qualidade de vida dos atingidos, desde lesões físicas, morais e até psíquicas, afetando a saúde individual e coletiva (MINAYO, 2004; MINAYO; SOUZA; SILVA; ASSIS, 2018). Dentre essas instituições, a escola é uma das que mais sofre com as complicações geradas pela violência. A denominada violência escolar (VE) diz

respeito aos atos ou ações de comportamentos agressivos e conflitos interpessoais que podem ocorrer tanto dentro das escolas (aluno-aluno ou aluno-professor) como na família e comunidade (GIORDANI; SEFFNER; DELL'AGLIO, 2017).

Os fenômenos que causam a violência no contexto escolar desencadeiam efeitos preocupantes. De um lado, sobre aqueles que a praticam, os que sofrem e os que testemunham, e de outro, contribuem para tirar da escola a sua condição de lugar de amizade, prazer e aprendizagem. As causas são diversas e, no universo escolar, as várias manifestações, como *bullying*, discriminação de gênero, violência física, entre outras, se fazem presentes de forma cada vez mais acentuada, afetando a ordem, a motivação, a satisfação e as expectativas de todos os que frequentam a escola. Além disso, há efeitos relacionados com a repetência, a evasão e o abandono escolar (GIORDANI; SEFFNER; DELL'AGLIO, 2017).

Nesse sentido, é importante observar que a VE pode ser consequência de outras formas de violência. Como exemplo, ela pode ser um produto de um processo que se inicia no ambiente familiar e possui continuidade no meio escolar. Dessa forma, pode-se subdividir a VE quanto a sua origem: endógena (aquela que tem origem dentro da própria escola) ou exógena (aquela que tem origem fora da escola, porém as consequências da violência são vistas no ambiente escolar) (SILVA; ASSIS, 2017).

Tendo em vista que a violência é um conceito socialmente construído e que a formação desse conceito se inicia na primeira infância, faz-se de suma importância que os educadores tenham conceitos e percepções alinhados com valores éticos e morais para que, dessa forma, ofereçam influências positivas para as crianças (GARBIN; LIMA; GARBIN; ROVIDA; SALIBA, 2015). Além das influências sobre a formação dos conceitos alinhados com valores éticos e morais, é importante que toda comunidade escolar saiba reconhecer as formas

de manejo apropriadas para cada forma de violência, identificando situações de risco de violência direta (aquele que sofre a violência) ou, até mesmo, indireta (aquele que está exposto à violência, como crianças que vivem em um ambiente de violência conjugal e expõem sinais de violência na escola) (PÍNEA; RAMOS; OLIVEIRA; TANAKA, 2011). É relevante identificar quais os parâmetros legais que definem as infrações penais, além de reconhecer e saber o devido papel de instituições, como o Conselho Tutelar (SILVA; ASSIS, 2017).

Para Abramovay (2019), o enfrentamento da violência nas escolas sofre com questões de judicialização, nas quais problemas comuns e recorrentes, que poderiam ser resolvidos pela própria escola, muitas vezes são judicializados, enviando estudantes para o Conselho Tutelar e até à polícia. Ou o inverso, o medo de recorrer à rede que a escola pode utilizar, desde o Conselho Tutelar até assistência social, sinalizando um despreparo para lidar com questões de violência (ABRAMOVAY, 2019).

Em um estudo longitudinal com duração de 12 meses, realizado junto a 6.709 estudantes da rede pública de 12 a 29 anos, em sete capitais brasileiras (Maceió, Fortaleza, Vitória, Salvador, São Luís, Belém e Belo Horizonte), revelou-se que 69,7% dos alunos responderam ter vivenciado alguma forma de violência nos últimos 12 meses. As mais prevalentes identificadas pelos estudantes foram: 15,1% brigas; 14,4% xingamentos; 11% pichação; 10,1% roubo/furtos. Foram apresentados, também, os locais onde mais ocorreu violência. Segundo os alunos, 25,1% dos atos ocorreram nos pátios, 24,8% dentro da sala de aula e 22,2% nos corredores (ABRAMOVAY; CASTRO; SILVA; CERQUEIRA, 2016).

Em outro estudo, de desenho transversal a partir de dados secundários de registros de ocorrência das vítimas de violência nos Conselhos Tutelares de Feira de Santana, Bahia, analisando a faixa etária de 0 a 19 anos de idade,

apresentou os seguintes resultados: dos 6 aos 9 anos, a negligência (abandono) foi a forma de violência mais prevalente (34,7%) seguida da violência psicológica (15,9%); a violência física (espancamento) foi mais prevalente dos 14 a 16 anos (94,3%); já a supressão alimentar foi mais prevalente de 0 a 1 ano (12,5%) (COSTA; CARVALHO; BÁRBARA; SANTOS; GOMES; SOUSA. 2007).

Em conjunto, os dados sugerem que, embora exista um perfil característico da VE no Brasil, traçá-lo em relação à sua localização e tipo mais prevalente se mostra uma iniciativa válida como forma de dar continuidade e permitir uma atualização destas características.

Os projetos extensionistas se apresentam nesse contexto como uma ferramenta capaz de apresentar novos caminhos para resolução de problemas e questões sociais com base em conhecimentos científicos produzidos nas instituições de ensino superior, promovendo uma educação continuada da comunidade (RODRIGUES; PRATA; BATALHA, 2013). Dentre os caminhos, destaca-se a formação de redes de apoio, as quais são definidas como “conjunto de sistemas, instituições e pessoas significativas, as quais compõem os elos de relacionamento e resolutividade recebidos e percebidos do indivíduo” (JULIANO; YUNES, 2014, p. 135–154). Estas redes podem e devem ser criadas e aplicadas com um foco direcionado ao combate à violência escolar.

Desta forma, objetiva-se relatar a experiência de acadêmicos de medicina em atividade extensionista sobre a identificação de disparadores de VE e seus respectivos manejos para profissionais da educação da rede pública municipal de Paulo Afonso, Bahia.

PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

Trata-se de um estudo descritivo, do tipo relato de experiência, elaborado a partir de uma intervenção realizada por acadêmicos de medicina do 5º período, orientados por docentes da disciplina de Práticas de Integração de Ensino, Serviço e Sociedade (PIESS) com formação na área de Enfermagem e Nutrição, em uma escola de ensino fundamental do município de Paulo Afonso – BA. A intervenção foi desenvolvida no dia sete de agosto de 2019 e faz parte do plano de ação do projeto de extensão intitulado “Promoção da saúde na escola: difusão de conhecimentos sobre técnicas básicas de atenção pré-hospitalar e de reconhecimento de disparadores de violência para profissionais da educação”. Participaram da atividade cinco discentes e duas docentes do curso de medicina da UNIVASF, *campus* Paulo Afonso-BA, e uma discente do curso de Direito da Universidade do Estado da Bahia (UNEB), colaboradora do projeto de extensão. A atividade educativa inserida no projeto de extensão contou com a participação de 31 profissionais da comunidade escolar (professores, coordenadores pedagógicos, diretores, merendeiras, auxiliares de serviços gerais, seguranças).

O processo de planejamento e execução da intervenção educativa envolveu dois momentos. No primeiro, ocorreu a aplicação de um questionário cujo objetivo era conhecer a realidade de cada escola participante do projeto. Nesse questionário, foram abordadas as seguintes temáticas: consequências da VE nas crianças; negligência como forma de violência; consequências da violência intradomiciliar; formas de identificar sinais de alerta para pessoas em situação de violência; locais mais frequentes onde a violência se insere no contexto escolar; conduta imediata para com os agressores; consequências da violência para com os professores; além de traçar um perfil epidemiológico das formas de violência mais frequentemente identificadas. O questionário foi elaborado com base em uma pesquisa bibliográfica sobre a temática. Dois meses antes do dia da intervenção, 33 questionários foram entregues na

escola selecionada e, destes, 22 foram respondidos e analisados com a finalidade de orientar a etapa seguinte.

No segundo momento, realizou-se uma capacitação na escola com base nas respostas dos questionários, que ajudaram a traçar um perfil sobre os principais disparadores de VE naquele contexto e o conhecimento dos profissionais acerca das formas de intervenção relacionadas a esse tipo de situação. A atividade, que teve duração de duas horas, consistiu em desenvolver habilidades de reconhecimento dos variados tipos de VE por meio da apresentação de conceitos e exemplos de situações comuns na escola. Ademais, contou com a participação de um colaborador externo, o qual teve como pauta a discussão de aspectos legais na questão de VE. Ao final, apresentou-se uma ferramenta desenvolvida com o intuito de combater a VE, uma Rede de Atenção à Violência, a qual foi aplicada na realidade da escola em questão a partir de casos reais citados pelos participantes. Para elaboração da rede, foi utilizada como referência-base a cartilha do Governo do Estado do Paraná, intitulada “Enfrentamento à Violência na Escola” (GOVERNO DO ESTADO DO PARANÁ, 2010).

RESULTADOS E DISCUSSÃO

A atividade iniciou com a apresentação do projeto aos participantes. Abriu-se um espaço para que cada um pudesse falar sobre si e sua atuação na escola. Em seguida, realizou-se a dinâmica “Bexiga com Sonhos” como disparador sobre VE. Cada participante recebeu um balão e um palito de dente. Instruiu-se para que protegessem os seus sonhos representados pelo balão. O objetivo foi demonstrar que, para proteger os seus sonhos, o indivíduo não precisa destruir os sonhos de outros. No entanto, a maioria dos participantes teve como reação de autodefesa estourar o balão das pessoas que estavam ao

seu redor e apenas uma mulher, ao final da dinâmica, permaneceu com o balão intacto. Segundo Assis e Marriel (2010), a violência é inerente ao ser humano e se expressa de formas distintas, o que foi evidenciado por meio do resultado da dinâmica, afinal, os profissionais utilizaram inconscientemente da violência para alcançar os seus objetivos.

Após esse momento, solicitou-se que cada participante escrevesse em um papel uma situação de violência vivenciada no âmbito escolar para ser discutida e solucionada ao final da intervenção, utilizando-se os conhecimentos adquiridos.

A próxima etapa da intervenção foi uma apresentação sobre as definições de violência, na qual os discentes trouxeram, a partir de linguagem simples e exemplos práticos, o conceito de violência segundo a Organização Mundial de Saúde (OMS), os tipos (violência autoprovoada e interpessoal), os ambientes onde podem ocorrer (na comunidade e na família), a sua natureza (abuso físico, violência psicológica, violência sexual e negligência) e quanto ao local (escolar, doméstica e intrafamiliar). Além disso, foi abordado sobre o preconceito, o racismo, a gordofobia, a homofobia e o *bullying*, que estão englobados em violência.

Em seguida, foram apresentadas algumas informações acerca da importância do conhecimento do Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA), da Lei de “*Bullying*” – lei 13.158/2015, do Conselho Tutelar, da Delegacia Especializada em Atendimento à Mulher (DEAM) e da denúncia de casos de violência. Segundo Assis (2010), a violência é expressa de diversas maneiras – usando força e poder – e por todos, tornando-se, portanto, complexa e multicausal. É relevante que os profissionais entendam as múltiplas faces da violência para que estes consigam perceber e agir adequadamente em cada situação específica de VE. Com isso, conhecer o significado e a natureza da

violência torna-se indispensável para sua prevenção e redução no ambiente escolar.

Ao final da apresentação, houve a proposição da criação de uma rede de enfrentamento à violência na escola baseada no Caderno de mesmo nome da Secretaria de Estado da Educação do Paraná (GOVERNO DO ESTADO DO PARANÁ, 2010). A ideia da rede baseia-se na interligação de pontos que possuem uma finalidade em comum. Adaptando este conceito para o ambiente escolar, tem-se o propósito de utilizar os recursos disponíveis e as habilidades individuais de cada um dos agentes envolvidos, sejam eles professores, coordenadores e alunos, na construção de um sistema único e adequado para a realidade da instituição.

De acordo com o Caderno de Enfrentamento à violência na escola (GOVERNO DO ESTADO DO PARANÁ, 2010), a rede é estabelecida por meio do trabalho intersetorial, integrado e interdisciplinar que visa ações consonantes com a realidade escolar. Assim, insere-se na escola um sistema flexibilizado, sem hierarquias, com responsabilidades compartilhadas que busca atingir a garantia do bem-estar dos estudantes. Diante disso, debateu-se com o grupo sobre o que era uma rede, como ela poderia ser estabelecida, quais profissionais poderiam estar à frente, sua relação com os alunos e as dificuldades para sua implementação (tais como hierarquização, setorização e sobrecarga). Também foram apontadas as ferramentas que poderiam ser utilizadas para a redução da violência no âmbito escolar, como: teatro, cinema, esportes, palestras e “contrato social”. Contrato este que possui como objetivo incluir os alunos no combate à violência, beneficiando-os com simples atos, como aumentar o tempo de intervalo caso não ocorra nenhum ato de violência por um determinado período de tempo. Esse sistema visa quebrar a lógica punitiva do combate à violência e pretende resolver os conflitos por meio da aproximação entre os alunos-alunos, alunos-pais e escolas-órgão legais. A

criação da rede de enfrentamento à violência, dessa maneira, irá corroborar para o desenvolvimento social, o empoderamento, o fortalecimento do sentimento de pertencimento e solidariedade no ambiente escolar (JULIANO; YUNES, 2014).

A intervenção foi finalizada com a seleção de alguns dos casos que haviam sido solicitados em momento anterior. A partir deles, foi esboçada uma rede de enfrentamento individualizada, bem como foi estimulada uma discussão sobre qual era a participação da escola, pais e órgãos legais em cada situação.

Durante a realização dessa atividade, houve o interesse e participação do grupo de profissionais, que durante todo o tempo levantou questionamentos e relatou experiências vividas ao longo dos anos trabalhados em instituições de ensino. As dúvidas mais frequentes se referiam a determinados comportamentos identificados por eles em sala de aula, alguns conceitos que nunca lhes haviam sido apresentados e, principalmente, ao manejo e conduta necessários frente à identificação de situações de violência, visto que muitos não sabiam o momento adequado para recorrer ao Conselho Tutelar, como funcionaria o processo de denúncia e até mesmo demonstravam certa desconfiança para com este órgão, o que evidenciou a importância da participação da acadêmica de Direito na apresentação, que pôde elucidar tais questionamentos.

De forma geral, o *feedback* e atuação dos participantes deixou claro para os discentes como não existe, no programa escolar, uma preparação ou capacitação eficaz para que os profissionais possam lidar corretamente com essa temática tão comum no cotidiano das escolas brasileiras. Lessa e Mayor (2019) apontam a falta de capacitação como um empecilho ao enfrentamento de questões de violência no ambiente escolar. Além disso, destacam que os cursos superiores em licenciatura se encontram defasados, uma vez que não

abordam essa temática na matriz curricular. Professores capacitados em violência acabam identificando mudanças comportamentais e promovendo a prevenção e proteção de crianças por conhecê-las melhor.

Segundo De Paula (2013), a extensão universitária é o que permanente e sistematicamente convoca a Universidade para o aprofundamento de seu papel como instituição comprometida com a transformação social. Diante disto, a experiência possibilitou aos discentes a oportunidade de trabalhar habilidades essenciais de comunicação e linguagem, além de abrir portas para novos cenários de atuação. Por meio do projeto de extensão, foi possível inserir os discentes no cenário prático, resgatando debates éticos e sociais a partir da troca de experiências que certamente contribuirão para a formação de profissionais mais engajados e críticos. Possibilitou, também, a aproximação com a comunidade, permitindo a difusão dos conhecimentos acadêmicos para além dos muros da Universidade, tornando possível o ajuste das teorias para a realidade vivida naquela instituição. Torna-se claro, a partir da extensão, a necessidade de contínua interação entre as Instituições de Ensino Superior (IES) e as Redes de Ensino Básico (DE PAULA, 2013).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A experiência relatada contribuiu para ampliar o conhecimento dos acadêmicos de medicina sobre a temática da VE e os disparadores de violência mais frequentes no contexto em que foi realizada a intervenção educativa. Ademais, permitiu contribuir com a comunidade escolar a partir do compartilhamento das experiências e das temáticas trabalhadas durante a atividade na escola, sobretudo levar conhecimento e possibilidades de enfrentamento ao problema à comunidade escolar.

Durante a elaboração da intervenção, algumas limitações foram percebidas, como a dificuldade em receber a devolutiva de todos os questionários aplicados, a indisponibilidade de datas para a realização da intervenção, além do tempo curto disponibilizado para realização da atividade na escola. Portanto, se fazem necessários uma melhor sensibilização sobre a importância de projetos de extensão para a comunidade e o reforço de parcerias intersetoriais com as demais instituições envolvidas, uma vez que a Universidade oferece diferentes ações que podem ser resolutivas para problemas enfrentados em diferentes setores da sociedade.

Apesar dos obstáculos, a intervenção foi vista como muito positiva tanto para os extensionistas como para os participantes da instituição, uma vez que possibilitou um debate acerca de um tema recorrente e que por vezes não é encarado com a seriedade que se deve, além de oferecer uma capacitação que pode influenciar positivamente na qualidade de vida do grupo de crianças e adolescentes que passar por esses profissionais a partir dessa experiência. Destaca-se, porém, a necessidade de continuidade de ações com essa finalidade para garantir a manutenção do processo de difusão de conhecimentos, a constante identificação dos disparadores e, conseqüentemente, a redução efetiva da violência no âmbito escolar.

AGRADECIMENTOS

Ao Programa Institucional de Bolsas de Extensão (PIBEX) e à Pró-reitoria de Extensão da Universidade Federal do Vale do São Francisco (UNIVASF). À Secretaria de Educação do município de Paulo Afonso-BA e aos profissionais da escola participante da atividade de extensão.

REFERÊNCIAS

ABRAMOVAY, M. Violências na Escola, sob o Olhar de Miriam Abramovay. **Dialogia**, n. 32, p. 4-9, maio/ago. 2019.

ABRAMOVAY, M.; CASTRO, M.G.; SILVA, A.P. da; CERQUEIRA, L. **Diagnóstico participativo das violências nas escolas: falam os jovens**. Rio de Janeiro: FLACSO-Brasil, OEI, MEC, 2016.

ASSIS, S. G.; MARRIEL, N. de S. M. Reflexões sobre Violência e suas Manifestações na Escola. In: ASSIS, S. G.; CONSTANTINO, P.; AVANCI, J. Q. (orgs). **Impactos da violência na escola: um diálogo com professores** [online]. Rio de Janeiro: Ministério da Educação/ Editora FIOCRUZ, 2010. p. 41-63. Disponível em: <https://static.scielo.org/scielobooks/szv5t/pdf/assis-9788575413302.pdf>. Acesso em: 09 de abril de 2021.

DE PAULA, J. A. A extensão universitária: história, conceito e propostas. **Interfaces-Revista de Extensão da UFMG**, v. 1, n. 1, p. 5-23, jul./nov. 2013.

GARBIN, C. A. S.; LIMA, T. J. V.; GARBIN, A. J. I.; ROVIDA, T. A. S.; SALIBA, O. Conhecimento e percepção dos educadores do ensino infantil sobre violência. **Revista Ciência Plural**, v.1, n.2, 2015.

GIORDANI, J. P.; SEFFNER, F.; DELL'AGLIO, D. D. Violência escolar: percepções de alunos e professores de uma escola pública. **Psicologia Escolar e Educacional**, v. 21, n. 1, p. 103–111, 2017.

GOVERNO DE ESTADO DO PARANÁ. **Enfrentamento à violência na escola**. Curitiba: Secretaria de Estado da Educação, 2010.

JULIANO, M. C. C.; YUNES, M. A. M. Reflexões sobre rede de apoio social como mecanismo de proteção e promoção de resiliência. **Ambiente & Sociedade**, v. 17, n. 3, p. 135–154, set. 2014.

LESSA, C. B.; MAYOR, A. S. A dificuldade na promoção de medidas preventivas contra o abuso sexual infantil nas escolas. **Perspectivas Online: Humanas & Sociais Aplicadas**, v. 9, n. 25, p. 61 -77, 2019.

MINAYO, M. C. DE S. A difícil e lenta entrada da violência na agenda do setor saúde. **Cadernos de Saúde Pública**, v. 20, n. 3, p. 646–647, 2004.

MINAYO, M. C. DE S.; SOUZA, E. R.; SILVA, M. M. A.; ASSIS, S. G. Institucionalização do tema violência no SUS: avanços e desafios. **Ciênc. saúde colet.**, v. 23, n. 6, p. 2007-2016, jun. 2018.

PÍNEA, A. C. F.; RAMOS, M. B.; OLIVEIRA, T. S.; TANAKA, E. D. O. Conhecimento do educador sobre seu papel perante a criança que sofre de violência doméstica. In: VII ENCONTRO DA ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE PESQUISADORES EM EDUCAÇÃO ESPECIAL, VII., 2018, Londrina. **Anais...** Londrina: Universidade Estadual de Londrina, 2011.

RODRIGUES, A. L. L.; PRATA, M. S.; BATALHA, T. B. S. Contribuições da extensão universitária na sociedade. **Cadernos de Graduação – Ciências Humanas e Sociais**, v. 1, n. 16, p. 141-148, 2013.

SILVA, F. R. DA; ASSIS, S. G. Prevenção da violência escolar: uma revisão da literatura. **Educação e Pesquisa**, v. 44, e157305, 2017.